

REVISTA HISTORAR

Elisgardênia de Oliveira Chaves

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e bolsista CAPES.

“A MORTE INTERROMPENDO A DINÂMICA SÓCIO-FAMILIAR NA FREGUESIA DE LIMOEIRO E O ÚLTIMO SACRAMENTO COMO ALENTO PARA UMA BOA PASSAGEM - 1870 A 1880”.

Resumo

A par do referencial teórico-metodológico da História Demográfica para a análise dos registros paroquiais de óbitos, o principal objetivo desse texto é analisar a mortalidade por grupo etário da freguesia de Limoeiro, durante a década de 1870, atentando para os significados do sacramento de Extrema-Unção, bem como, para a incidência de realização do mesmo sobre a população da freguesia.

Palavras-Chave: Seca, Mortalidade, Extrema-Unção, Freguesia de Limoeiro.

Resumen

Del lado del marco teórico-metodológico de la Historia Demográfica, para el estudio de los registros parroquiales de los difuntos, el principal objetivo de este texto es analizar la mortalidad por grupos por edad de la localidad de Limoeiro, durante la década de 1870, centrandose en los significados del sacramento de la extrema-unción, en cuanto a la influencia de la realización del mismo sobre la población de la localidad.

Palabras Claves: Sequía, Mortalidad, Extrema unción, Parroquia de Limoeiro.

Introdução

O Brasil, ao longo do século XIX, foi acometido por sucessivas epidemias de cólera, febre amarela, varíola, entre tantas outras. Desse modo: “a morte era uma presença constante, tanto quanto o enfraquecimento dos corpos, atacados por moléstias sem conta.”¹ No Ceará, assim como nas demais províncias do Nordeste, principalmente nos períodos de seca, os surtos epidêmicos elevavam extraordinariamente os índices de mortalidade. O elevado número de mortes alterou enormemente o cotidiano, o conjunto de hábitos e costumes da população. A partir dos registros paroquiais de óbitos, o presente texto objetiva discutir a mortalidade na freguesia de Limoeiro², durante a década de 1870, considerando os grupos etários atingidos, bem como, os significados do último sacramento, Extrema-Unção, em torno da morte, com ênfase sobre a incidência de realização do mesmo, atentando para as alterações na dinâmica de sua efetivação em decorrência do elevado número de mortes, principalmente no final do decênio. Os registros de óbitos aqui analisados encontram-se no Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte – CE, (ADNL).³

No Brasil, pesquisas sobre mortalidade são uma das vertentes privilegiadas da Demografia Histórica. Na realidade, a metodologia da Demografia Histórica para com as fontes escritas: cartoriais, paroquiais e censitárias, vêm possibilitando a identificação das complexidades e pluralidades em torno de estruturas populacionais brasileiras: organização familiar, índices de nupcialidade, natalidade, mortalidade, entre tantos outros. A respeito do caráter interdisciplinar e diverso das pesquisas realizadas, sobretudo a partir da década de 1970/80, normalmente fazendo uso de censos e registros paroquiais, Maria Luiza Marcílio afirma:

A força da Demografia Histórica vale hoje também pela extraordinária contribuição de seus produtos paralelos. O paciente trabalho das fichas de famílias constituídas com base nos registros da cristandade ou nos velhos censos nominais pré-estatísticos e séries fundamentais variadas conduziu à história quantitativa de níveis da cultura, como a história das atitudes, dos comportamentos e das sensibilidades coletivas, diante da vida, da morte, do amor, da pobreza, da infância, a História do casal e da família, da doença, das estruturas sócio-econômicas, entre outros.⁴

Estudos que se detêm sobre índices de mortalidade, suas causas, bem como, sobre os significados atribuídos a morte e que têm nos registros paroquiais de óbitos⁵ suporte empírico de

¹UJVARE, Stefan Cunha. **A História e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos**. Rio de Janeiro: Editora SENAC São Paulo, 2003, p. 156.

²A freguesia de Limoeiro localiza-se na Região do Baixo Jaguaribe, Ceará e compunha-se da Vila de Limoeiro (atual Limoeiro do Norte) e dos povoados de São João do Jaguaribe, (atual São João do Jaguaribe), Tabuleiro de Areia (atual Tabuleiro do Norte) e Alto Santo da Viúva (atual Alto Santo).

³O ADNL é composto basicamente de registros de casamentos, batismos e óbitos, com exceção de alguns livros, em estado razoável de conservação. O arquivo dispõe de um acervo que se inicia na primeira metade do século XVIII, percorrendo os séculos XIX e XX e abrange várias paróquias da Região Jaguaribana-CE.

⁴MARCÍLIO, Maria Luiza. **Demografia Histórica**. São Paulo: Novos Ubrais, 1977, p. 4.

⁵De modo geral os registros de óbitos trazem: nome, cor, idade, causa da morte, data do falecimento, se se trata de um parvulo (a) (nome utilizado nos livros para se referirem às crianças) o nome de seus pais para os filhos legítimos

pesquisa, demonstram um campo fértil de análise. Além dos estudos sobre epidemias, revelando quais doenças, sobre quem mais se incidiam, isto é, como a morte chegava a desestruturar famílias e comunidades inteiras, recuperando, assim, seu lado de fenômeno demográfico, algumas pesquisas, partindo desses documentos, têm-se voltado ainda para questões de como o morrer era percebido e aceito no cotidiano de determinada sociedade, através de interpretações sobre os significados que permeavam os ritos fúnebres.

De acordo com Claudia Rodrigues, em sociedades de cultura cristã, a morte é um aspecto que se destaca e é encarada como momento de passagem, “chave para a eternidade.” Com a morte, apenas o corpo morre; enquanto o espírito segue rumo à outra vida, que poderá ser vivida no paraíso ou no inferno. No Brasil oitocentista, a vida após a morte estava “intimamente relacionada com a qualidade da vida terrena.” Em virtude disso, temia-se a morte, pois, “apesar de esperarem e desejarem a salvação, nem todas as pessoas tinham a certeza de que ela efetivamente ocorreria.” Segundo a crença religiosa, “o destino da alma no além cristão, estava condicionado ao Juízo Final”, momento em que “o Cristo voltaria para julgar os homens, condenando para todo o sempre os maus (ao inferno) e conduzindo os justos para o céu, para a vida eterna.”⁶ A manifestação da religiosidade em torno dessa passagem espiritual pode ser percebida através da simbologia presente na realização dos ritos fúnebres, os quais, na época em estudo, cumpriam importantes propósitos:

A realização dos ritos fúnebres tem, pois como função administrar a passagem que por não ser instantânea, é um trajeto em percurso, em direção a um destino definido - e muitas vezes, como no caso do cristianismo, permeado de provas e incertezas – que só termina ao fim da celebração dos rituais mortuários que objetivam facilitar a viagem do morto.⁷

Dentre os rituais fúnebres, além da encomendação da alma, do vestuário fúnebre, local e hora do sepultamento, destaca-se o Sacramento da Extrema-Unção. Este último sacramento era realizado em atos sucessivos através da penitência, eucaristia e extrema-unção, quando o moribundo ainda dava sinais de existência.

Os assentos de óbitos e a mortalidade por grupo etário em Limoeiro.

Pesquisa realizada nos assentos de óbitos da freguesia de Limoeiro, no período de 1870 a 1880, revelou-nos um obituário de 2.190 pessoas, indicando uma mortalidade de mais de 60% para os anos marcados pela seca de 1877-1879. Além de uma maior concentração no período da seca,

ou o nome da mãe para os filhos naturais, quando se trata de filho de escrava se livre ou liberto, bem como, o nome do proprietário da mãe, condição social (livre ou escravo), estado civil, cônjuge, cor da vestimenta fúnebre, sacramento da extrema-unção recebido ou não, nome do padre responsável pela paróquia e pela realização do ritual fúnebre, bem como, o cemitério onde foi realizado o sepultamento.

⁶RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1997 Op. Cit. p. 150 e 151.

⁷Idem, p. 174.

os registros de óbitos revelaram um elevado número de mortes cujas causas foram muito diversificadas. O alto índice de mortalidade com suas causas variadas foram decorrentes, em grande medida, da falta de alimentação, água saudável, médicos, remédios, estrutura hospitalar minimamente adequada, enfim, do generalizado descaso político para com a população, o que teve influência direta inclusive na alta mortalidade infantil do período.

Os inúmeros casos de mortes pela fome, por exemplo, que rechearam a documentação analisada, não há dúvidas terem sido consequências também da deficiente política de socorros públicos para com a população indigente, pois embora estivessem garantidas em lei, o fato é que os socorros chegados e distribuídos em Limoeiro foram muito insuficientes para matar a fome de quem não disponha mais de nenhum recurso para se alimentar. Na impossibilidade de plantar e colher as lavouras, bem como, de comprar ou adquirir alimentos através da política de socorro público, só restou para grande parte das famílias de Limoeiro o consumo de recursos silvestres, que embora prejudiciais à saúde, eram os únicos haveres com que podia contar a pobreza para se alimentar. Ofício da Câmara de 16 de maio de 1877, enviado ao presidente da província Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, expõe o quadro de miséria e fome na freguesia.

[...] O povo deste município já há muito que sofre os efeitos da calamidade da seca, mas tem-se sustentado até agora com o escarço recurso da fructa da carnaubeira e o palmito da mesma; porém está conhecido que este alimento, posto que produza o sustento precário, tem com tudo occasionado moléstias e cazos de febres, além disso este sustento não é sufficiente para sustentar os necessitados visto que a mesma fructa está acabada e os palmitos pela falta de providência e economia dos proprietários estão, em muitas partes inutilizados pelo fogo que lhe atearão. [...].⁸

Desse modo, acreditamos poder somar às doenças causadas pela ingestão de plantas silvestres, aos vários casos de indigestão, inflamação no fígado, impedimentos do ventre, inchação no estômago, constipação de ventre (prisão de ventre), além dos próprios casos de morte provocados pelo consumo da mandioca, registrados nos óbitos. Os vários casos de febres podem, certamente podem ser associados às febres gástricas e biliosas, por tratarem-se geralmente de doenças estomacais, cujos sintomas mais freqüentes eram: “febre mais ou menos intensa, dores de cabeça e corpo, língua saburrosa, vômitos em alguns de materiais biliosos, em outros, constipação do ventre.”⁹

Além das mortes pela fome durante a seca, bem como pelas desencadeadas por ela com a ingestão dos recursos silvestres, é importante ressaltar que a desnutrição quando não matava, deixava muito fraco os organismos sobreviventes, contribuindo, assim, para que as doenças se

⁸Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC - Correspondência da Câmara Municipal de Limoeiro 1873-1921. Caixa 100 antiga 55 – A.

⁹BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. **Caminhos da cura: a experiência de moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)**. São Paulo: Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica PUC, 2002, p. 66.

alastrassem com muita facilidade. Desse modo, uma série de outros males, cuja acentuação se deu, sobretudo durante a seca de 1877-1879, certamente estão associados direta ou indiretamente.

As doenças não fizeram distinção entre cor, sexo, condição social, mas em relação à idade sim, apesar de afetar toda a população, as crianças em especial foram vitimadas pela fome, espasmos, maligna, diarreia, febres, inchação garrotinho, hidropisia, estupor, entre tantas outras causas mortas. Em relação à mortalidade por grupo etário na freguesia de Limoeiro, a tabela 01, pode nos proporcionar melhores compreensões.

TABELA 01: Mortalidade por grupo etário – freguesia de Limoeiro, 1870/1880.

Idade ao morrer	Anos											Total	%
	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	1877	1878	1879	1880		
< de um mês	3	3	15	9	15	12	10	30	9	7	11	124	5,6
1m a 1 ano	-	1	42	24	45	24	20	105	172	6	9	448	20,4
01-07 anos	2	1	12	22	19	20	21	50	238	14	12	411	18,7
08-15 anos	1	1	6	6	2	8	5	18	85	9	2	143	6,5
16-23 anos	-	4	9	3	14	7	9	20	64	5	2	137	6,2
24-31 anos	1	1	6	9	7	14	6	24	66	12	6	152	6,9
32-39 anos	-	5	8	5	17	4	12	17	69	6	4	147	6,7
40-47 anos	-	1	5	6	6	10	13	8	60	10	7	126	5,7
48-55 anos	1	1	2	3	6	11	14	10	37	5	3	93	4,2
56-63 anos	1	-	5	2	2	7	13	7	36	6	5	84	3,8
64-71 anos	-	3	4	1	5	3	15	9	42	7	3	92	4,2
72-79 anos	-	-	3	1	4	4	2	5	20	3	4	46	2,1
80 anos e +	-	1	5	4	3	6	7	2	21	9	-	58	2,6
Não consta a idade	-	-	10	6	5	4	20	30	35	7	12	129	5,8
Total	9	22	132	101	150	134	167	335	954	106	80	2190	100

FONTES: (ADNL) - Livros de óbitos 4, 6 e 6-A, freguesia de Russas; Livros de óbitos 1, 2, 3 e 4 freguesia de Limoeiro.

Dada à significativa percentagem de registros, 5,6%, em que as crianças morriam antes de completar um mês de vida, compreende-se a preocupação da Igreja para que se batizasse os recém-nascidos o quanto antes. Além dos bebês que morriam em fase neonatal, isto é, até os primeiros 28 dias de vida, o número de crianças que morriam até completar um ano de idade em Limoeiro, na década de 1870, ou seja, 20,4% dos registros, era exorbitante, ficando em segundo lugar na escala numérica as crianças que morriam entre um a sete anos, atingindo o percentual de 18,7%.

Segundo Paulo Eduardo Teixeira, pode-se inferir uma série de fatores para as mortalidades ocorridas nos primeiros dias de vida, dentre elas: “precariedade nas condições de higiene e saúde e que levam as crianças a morrerem do mal-de-sete-dias, ou seja, o tétano, a má nutrição da mãe e da criança, bem como as doenças infecciosas e parasitárias e os vários tipos de febres.”¹⁰

Ainda segundo o autor, em todo Brasil, sobretudo até o século XIX, esses fatores, além de afetarem as crianças também se incidiam sobre as mães, causando mortes, principalmente no

¹⁰TEIXEIRA, Paulo Eduardo. “A formação das famílias livres em Campinas, 1774-1850.” In: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de e AMARAL, Vera Lúcia. (organizadoras). **História Econômica: reflexões e construção do conhecimento**. São Paulo; Almeida, 2006, p. 468.

decorrer dos partos, o que nos remete novamente as causas-mortes em Limoeiro presentes na documentação analisada, onde podemos observar a presença de mulheres morrendo de parto, durante a década de 1870. De acordo com os assentos de óbitos, essas mães faleceram numa média de idade entre 22 a 38 anos.

Observando a tabela 01, verificamos que as crianças que morreram antes ou até aos sete anos de idade em Limoeiro, independentemente da condição social livre ou escrava corresponde a 44,7% dos registros de óbitos. Dada à elevadíssima mortalidade infantil, se acrescentássemos as crianças que morreram de oito a dez anos, essas cifras certamente chegariam a 50%. Na realidade, de acordo com Paulo Eduardo Teixeira: “numa época em que os recursos médicos praticamente inexistiam, as diferenças entre as camadas sociais, nesse aspecto, se faziam quase nulas. Assim o filho de um senhor de engenho podia ter o mesmo destino que o filho de um agregado seu.”¹¹ No caso de Limoeiro, além da precariedade de recursos médicos, uma conjuntura de ordem climática, econômica, política e social, sobretudo nos últimos anos da década, contribuiu para a elevação da mortalidade infantil.

Se a criança conseguisse vencer a barreira dos sete anos, de acordo com a tabela, as possibilidades de viver iam aumentando sucessivamente. Desse modo, a relação entre mortalidade e tempo de vida é clara, pois na medida em que a idade aumentava diminuía os óbitos naquela faixa etária. Dos que viveram de oito aos 55 anos, os números dizem respeito a 36,2% dos registros. Já os sobreviventes dos 55 a mais de oitenta anos o percentual é de 12,7%. Portanto, para esse decênio, as somas da população de Limoeiro que morreu entre 8 e mais de oitenta anos correspondem a 48,9% dos registros, ultrapassando somente em 4,2%, sobre os que só viveram até aos sete anos.

De acordo com a crença religiosa, desde que batizadas, as crianças que morressem até os 7 anos se transformariam em anjo e desse modo teria um lugar garantido no “paraíso celeste.” Para os que ultrapassassem essa idade, receber o sacramento da extrema-unção na hora derradeira significaria um alento para a alma em busca da uma boa eternidade.

O Sacramento da Extrema-Unção fechando o ciclo vital e “garantindo” uma boa passagem da vida para a morte.

No século XIX os altos índices de mortalidade se fizeram constantes no Brasil. Levando em conta a preocupação que homens e mulheres tinham com uma boa morte, morrer sem a extrema-unção, último sacramento, era motivo de grande infortúnio. Daí ser muito comum, principalmente os indivíduos mais abastados, fazerem testamentos pedindo a celebração do mesmo e estipulando determinada quantia, geralmente vultosa, para ser gasta com ele. Mesmo as pessoas

¹¹Idem, p. 465.

pobres livres ou escravas “se não tinham como fazer seus testamentos por escrito recomendavam oralmente como queriam enfrentar a derradeira viagem protegidos com os recursos rituais e simbólicos que seus recursos materiais permitissem.” Desse modo, “o importante era não ser tomado de surpresa por este último ato entre os vivos. Daí, porque a morte acidental, prematura sem os ritos devidos era vista como grande desventura, que fazia sofrer a alma de quem partia e a consciência de quem ficava.”¹²

A desventura decorrente da morte repentina diz respeito ao fato do fiel não ter tempo de fazer suas penitências e demonstrar o arrependimento dos pecados cometidos, objetivando obter o perdão para os mesmos. Sobre esse aspecto, se observarmos a tabela 15, referente às causas-mortes da freguesia de Limoeiro, na década de 1870, podemos observar que vinte e cinco indivíduos passaram desta para outra vida sem possibilidades de receber os sacramentos da Igreja, justamente por terem morrido de morte repentina ou súbita.

De acordo com os significados que adquiria, sendo fundamentais para os mortos, a realização do último sacramento era também de interesse dos vivos, pois além de cumprirem seus deveres de cristãos e de evitarem um peso na consciência, se caso porventura não chamassem um padre para ministrá-lo no leito do moribundo, poder-lhes-ia trazer benefício próprio, já que, “se o morto passa ao outro mundo feliz ele poderá interceder pelos vivos junto aos deuses, inclusive, facilitando-lhes a futura incorporação no mundo dos mortos.”¹³

Celebrados para dar segurança a vivos e mortos, possibilitando aos últimos uma boa viagem para o outro mundo e por ser a extrema-unção de competência dos padres, estes desempenhavam o papel de interlocutor entre o moribundo e Deus. Para tanto, o doente, portador de alguma doença grave, incurável, quando sentia a aproximação da morte, ele próprio, a família ou os amigos, solicitava a presença do padre:

Devem os Parochos administrar a seus fregueses enfermos com toda a diligencia, e cuidado o espirital socorro do Sacramento da Extrema Unção, para que mais facilmente na última hora possam combater os cavilosos assaltos do demônio. Pelo que mandamos, e ordenamos, que tanto que o Parocho for chamado, ou tiver notícia, que algum enfermo de doença perigosa quer receber o Sacramento da Extrema Unção, lh’o vá logo administrar com toda a diligência, e lhe encommendamos, que se lh’o administre, não estando impedido, e quando estiver, commeta esta administração a Sacerdote approved para cofessar, e não o havendo, a qualquer outro Sacerdote, o qual, ou Parocho quando for administrar, irá revestido com sobrepeliz, e estola roxa, levando nas mãos os Santos Óleos em sua ambula com toda a descência.¹⁴

¹²RODRIGUES, Claudia. Op. Cit. p. 12.

¹³REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991p. 89.

¹⁴VIDE, D. Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007, p. 83.

De posse dos objetos necessários à realização da extrema-unção: sobrepeliz e estola roxa e os santos óleos, além da “cruz caldeira de água benta e livro do ritual romano”, com muito cuidado e boa postura, o pároco e demais assistentes deixavam a Igreja rumo à casa do enfermo em “procissão do viático, assim chamada por levar a comunhão eucarística.”¹⁵ Ao chegar na casa do enfermo, dava-se início ao ritual.

Entrando em casa do enfermo dirá: Pax huic domui; e posto o óleo sobre a mesa, que para isto deve estar aparelhada com toalha limpa, e ao menos uma vela acesa, dada a cruz a beijar ao enfermo, querendo-se elle reconciliar, o ouça: e logo continuará o mais do Ritual, lendo por elle as preces, e não as dizendo de cor; e unguirá logo ao enfermo com os ritos, e cerimoniais ordenadas pela Santa Madre Igreja.¹⁶

De acordo com François Lebrun, na hora da morte, segundo o conselho de São Francisco de Sales “deve-se fazer uma confissão geral, percorrendo, pelo menos de modo sumário, os diferentes estágios da vida em que o enfermo se encontrou ao longo da vida”, desse modo, “o quarto se esvazia de todos os assistentes, deixando num último cara a cara o padre e seu penitente.”¹⁷

O último sacramento era realizado em três momentos consecutivos que envolviam a penitência, a eucaristia e a extrema-unção. Com o ato da penitência, ou última confissão, o moribundo confessava e pedia perdão de seus pecados, a eucaristia era o momento no qual o moribundo entrava em comunhão com Deus e recebia o alimento necessário para a última viagem e a extrema-unção visava dar forças ao moribundo para vencer não apenas as tentações da alma, mas, também, as dores corporais da hora derradeira. Em outras palavras assim descrevem os textos da Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia sobre esse último Sacramento:

É o Sacramento da Extrema Unção o quinto dos da Santa Madre Igreja, de grande utilidade para os fiéis, instituído por Christo Senhor nosso, como definiu o Sagrado Concílio Tridentino, para nos dar especial ajuda, conforto, e auxilio na hora da morte, em quaes tentações de nosso commum inimigo costumão ser mais fortes, e perigosas, sabendo que tem pouco tempo para nos tentar. A matéria deste Sacramento é o óleo da Oliveira bento pelo Bispo. A fôma são as palavras, que estão no Ritual Romano: Per istam Sanctam Unctionem, et suam piissiman misericordian etc. O Ministro é o Sacerdote. (...) os effeitos propios deste Sacramento são muitos, e principalmente três. O primeiro é, perdoar-nos as relíquias dos pecados, pelos quais ainda falta satisfazer da nossa parte, ficando

¹⁵REIS, João José. Op. Cit. p. 103.

¹⁶VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Op. Cit. p. 83.

¹⁷LEBRUN, François. As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. In: ÁRIES, Philippe e DUBY, Georges (Ogrs.) **História da vida Privada**. Vol. III. SÃO Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 82.

por isso aliviada a alma do enfermo. O segundo é, dar muitas vezes, ou em todo ou em parte a saúde corporal do enfermo, quando assim convém para bem de sua alma. O terceiro é, consolar ao enfermo, dando-lhe confiança, e esforços para que na agonia da morte possa resistir aos assaltos do inimigo, e levar com paciência as dores da enfermidade.¹⁸

Segundo Claudia Rodrigues, a saúde corporal a que se refere o segundo momento, ou seja, a eucaristia, diz respeito ao fato de que, em alguns casos, o enfermo, após o recebimento da hóstia, apresentava alguma melhora, conseguindo até mesmo sobreviver ao mal. No entanto, em caso de efetivação da morte, a eucaristia adquiria a noção de provisão para a viagem e “agia como um mantimento para a alma, alimentando-a e sustentando-a de forma a acrescentar-lhe vida espiritual e conforto.”¹⁹

O sacramento fúnebre não deveria ser ministrado pela segunda vez ao enfermo que já o tivesse recebido durante a mesma doença, a não ser que essa se prolongasse e o doente tornasse a cair em perigo de morte. Neste caso, o último sacramento seria administrado tantas vezes quanto fosse necessário.²⁰ As Leis Eclesiásticas em torno do ritual da morte dispunham ainda de normas a respeito do estado de consciência de quem deveria receber a extrema-unção, bem como das pessoas que não deveriam recebê-la.

Exortamos aos nossos súbditos se lembrem de pedir, e receber este Sacramento, quando ainda estiverem em seu perfeito de juízo, para que o recebam com a devida reverencia, e se consolem com seus singulares effeitos: e as pessoas que tiverem cuidado dos enfermos, avisem aos Parochos, para lh`o administrarem em tempo conveniente, não esperando que o doente esteja desconfiado da vida. Não se ha de administrar este sacramento aos meninos, que não tem uso da razão; aos que morrem de morte violenta por Justiça; aos que entrão em batalha, ou larga, e perigosa navegação no mar; aos excommungados impenitentes, e que estiverem em pecado publico; aos doudos, e desavisados, que nunca tiverão uso de razão; porém se em algum tempo o tiverão, e antes da doudice dérão signais de contrição, ou nos lúcidos intervallos, ainda que depois estejam doudos perpétuos, se lhes póde administrar: como também os que perderam o juízo, ou falla, se quando o perderam dérão signaes de contrição, ou provavelmente se crê, que os dérão.²¹

Portanto, para se ter direito a esse sacramento o moribundo deveria estar em equidade e enquadrar-se nesses princípios da Igreja Católica. No rol dos que não podiam recebê-lo, estavam as crianças menores de 7 anos, consideradas inocentes pela Igreja, isto é, sem capacidade de ter noção ainda de seus atos. Todavia, havia as pessoas em sã consciência que, por algum motivo, recusavam esse ritual. Estas seriam punidas com a proibição de sepultura eclesiástica, ou seja,

¹⁸VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Op. Cit. p. 81.

¹⁹RODRIGUES, Claudia. Op. Cit. p. 178.

²⁰VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Op. Cit. pp. 82 e 83.

²¹Idem, p. 82.

dentro das igrejas, pois de acordo com as normas, “a pessoa, que por desprezo, ou contumácia, sendo requerida, deixar de receber este Sacramento, pecca mortalmente, e lhe será negada sepultura Eclesiástica.”²² Os solos sagrados das Igrejas, até meados do século XIX, foram os locais preferidos para se enterrar os mortos. Um dos principais significados era a manutenção da integração entre “o teatro da vida e o teatro da morte.”

Havia uma integração entre o teatro da vida e o teatro da morte: a casa estava perto da Igreja, ambas faziam parte de uma paróquia, que fazia parte de uma cidade (vila ou povoado). Vivos e mortos faziam companhia uns aos outros nos velórios em casa, em seguida atravessavam juntos ruas familiares. Os vivos enterravam os mortos em templos onde eles haviam sido batizados, tinham casado, confessado, assistido missas e cometido ações menos devotas – e onde continuavam a encontrar seus vivos cada vez que estes viessem fazer essas mesmas coisas até o encontro final sob aquele chão e no além-túmulo.²³

Para os adeptos da ideologia cristã, depois de uma vida em comunhão com Deus, iniciada no primeiro ritual do batismo, o último sacramento expressava o desfecho de uma simbologia que envolvia a comunicação entre Deus (emissor) e os homens (receptores), garantia última de uma boa passagem para a outra vida. Na freguesia de Limoeiro, na década de 1870, a exemplo do que acontecia no restante do Brasil Império, o povo, de maneira geral, recorria ao sacramento cristão da extrema-unção, e os números da tabela 17, expressam um pouco dessa realidade.

TABELA 02: Índice ao Sacramento da Extrema-Unção em Limoeiro, 1870/1880.

Anos	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	1877	1878	1879	1880	Total	%
Receberam Sacramentos	-	-	-	-	1	3	29	38	153	22	20	266	22,7
Sem Sacramentos	-	-	-	-	-	-	2	16	9	9	1	37	3,1
Sem ref. aos sacramentos	-	-	66	34	68	72	54	72	390	47	16	819	70,0
S. Sacr. A falta de padre	2	-	-	-	-	-	-	9	2	4	1	18	1,5
S. Sacr. p/ não pedir	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	1	5	0,4
S. Sacr. p/ morte repentina	-	1	-	1	-	-	5	7	2	6	3	25	2,1
Total	2	1	66	35	69	75	90	144	558	88	42	1170	
%	0,1	0,08	5,6	2,9	5,8	6,4	7,6	12,3	47,6	7,5	3,5		100

FONTES: (ADNL) - Livros de óbitos 4, 6 e 6-A, Freguesia de Russas; Livros de óbitos 1, 2, 3 e 4 Freguesia de Limoeiro.²⁴

²²VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Op. Cit. p. 85.

²³REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: **História da vida privada no Brasil**. Vol. 2. Org. Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.141.

²⁴O vazio na tabela referente aos anos de 1870 a 1875 diz respeito a um significativo número de assentos de óbitos, que pelo estado de má conservação da documentação, não conseguimos transcrever partes dos registros e que muitas vezes se referiam ao último sacramento, bem como ao número de crianças menores de 7 anos inaptas a receber a extrema-unção.

O estado lacônico da documentação no que diz respeito à referência ao último sacramento se expressa na tabela 02, sobretudo dos anos de 1870 a 1875, pois com exceção de quatro assentos, um em 1874 e três em 1875, os demais casos não trazem referência alguma a este sacramento. No total, o percentual corresponde a 70,0% dos registros. Diante disso, não teríamos como afirmar se o moribundo foi assistido ou não pelo padre na hora da morte, ou ainda se o padre no momento do lavramento do registro esqueceu ou optou por não colocar essa informação.

Dos aptos a receber a extrema-unção, na documentação analisada, identificados pela idade, ou seja, as pessoas a partir dos sete anos, os números evidenciam 22,7% dos casos em que a procura e a realização do último sacramento foi efetivada. Em relação aos demais casos em que a população moribunda, por algum motivo não exposto no registro, não recebeu o sacramento corresponde a 3,1%. Os números que indicam a falta de padre no lugar representam 1,5%. Os casos evidenciados em que a família ou o doente não pediu a presença do padre para realizar o ritual corresponde a 0,4% e finalmente as situações em que as pessoas não tiveram tempo de receber esse ritual fúnebre, por morrer repentinamente, dizem respeito a 2,1% dos registros. Esses resultados representam uma percentagem de 8,1%. Diante disso, os 22,7% socorrido espiritualmente pelos padres, são um número expressivo.

A procura pela extrema-unção independia de sexo, cor, idade (acima de sete anos) e condição social. De acordo com as atas de óbitos, dos 266 moribundos que receberam esse sacramento no leito de morte, 15 tinham a condição de escravos. Um número significativo, haja vista termos encontrado no obituário do período 29 escravos adultos. Na realidade, segundo João José Reis, em seu estudo sobre os registros de óbitos em Salvador, no século XIX, a morte proporcionava certo nivelamento social, pois “esta era uma das poucas chances e a última de estabelecer simbolicamente a igualdade entre brancos e negros, escravos e senhores, ricos e pobres. Viver mal, mas morrer bem era o lema.”²⁵ Daí, portanto o resultado da procura por parte de quem convinha receber esse sacramento fúnebre e da assistência espiritual por parte de quem podia disponibilizar.

Com exceção de 1878, quando o número de óbitos foi bem mais exorbitante do que os anos de 1877 e 1879, também marcados pela seca, a diferença dos números referentes aos anos de 1876 a 1880, independente de seca ou inverno, no que diz respeito ao último sacramento, não foi acentuada. Esse fato pode estar relacionado à alta mortalidade de crianças que faleciam até os sete anos. De acordo com os assentos de óbitos, os infantes que recorreram a esse sacramento, numa média de sete a quatorze anos, representam um total de 21. Todavia, somente uma criança de sete

²⁵REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. Op. Cit. p. 159.

anos foi socorrida espiritualmente. Portanto, a assistência espiritual da extrema-unção foi mais freqüente entre as crianças de dez a doze anos.

A falta de padre para socorrer os moribundos, sobretudo no período da estiagem, deve estar relacionada tanto à alta mortalidade no período, o que tornava humanamente impossível a tarefa dos mesmos na administração dos ritos fúnebres a todos que estivessem no leito da morte, quanto às distâncias entre a vila, os povoados e as fazendas, como também, pela própria ausência de padres nesses lugares longínquos, realidade essa verificada não só na vila de Limoeiro, mas em todo “Brasil rural.”²⁶

Com relação à grande quantidade de óbitos em um só dia, o que certamente contribuía para que grande contingente populacional morresse sem o último sacramento, segundo o livro de óbito número 4, páginas 16 e 18, registros de 120 a 129, referente ao povoado de São João do Jaguaribe, no dia 30 de março de 1878, faleceram dez pessoas, das quais cinco crianças e cinco adultos. Dos cinco óbitos de adultos, apenas um recebeu a extrema-unção. Diante da alta mortalidade muitas foram as famílias que se desmembraram. No exemplo seguinte, podemos acompanhar o desfecho trágico de um casal que se unira em matrimônio, em julho de 1878 e em julho de 1879 morreu a mãe Maria do Rosário de Souza de parto, sem ter sido socorrida com a extrema-unção e logo no dia seguinte o filho, cujo registro de óbito não menciona se teve tempo de ser batizado ou não.

Aos 17 de Julho de 1878, nesta Matriz do Limoeiro administrei o sacramento do matrimonio aos contralventes Francisco Gomes de Souza e Maria do Rosário de Souza, Servates Srevante e lhes lancei as bênçãos nupciais depois de confessados e examinados em Doutrina Cristã presentes as testemunhas Antonio José de Souza e José Ignácio de Souza. E para constar mandei fazer este assempo em que me assigno.

O vigário Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva.²⁷

Maria do Rosário de Souza, branca cazada com Francisco Gomes de Souza falleceu de parto aos 17 de Junho de 1879, tendo 28 anos de idade, não foi socorrida espiritualmente, levou mortalha branca, foi sepultada no dia seguinte no Cemitério do Alto Santo com hábito branco. E para constar mandei fazer o presente em que me assigno.

O vigário Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva.²⁸

O parvullo, filho legítimo de Francisco Gomes de Souza e Maria do Rosário de Souza, falleceu de espasmo aos 18 de Junho de 1879, foi sepultado no dia seguinte no Cemitério do Alto Santo com hábito branco. E para constar mandei fazer o presente em que me assigno.

O vigário Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva.

²⁶REIS, João José. “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”. Op. Cit. 106.

²⁷(ADNL) – Livro nº 01, p. 169.

²⁸Os assentos de óbitos mãe e filho encontram-se no (ADNL) – Livro nº 03, p. 34, registros de nº 248 e 249.

Considerações finais

Em consequência do alto índice de mortalidade da população da freguesia de Limoeiro, na década de 1870, das famílias que conseguimos identificar através do cruzamento de nomes entre os registros de casamentos, batismos e óbitos, dos 219 núcleos conjugais, 33 perderam alguns de seus membros e das 376 famílias consensuais, 82 viveram a mesma realidade. No total foram 595 núcleos familiares analisados, dos quais 115 foram desmembrados pela morte de pais, mães e filhos. Não obstante a isso, dessas 595 famílias, em 480 núcleos não encontramos evidências de falecimentos. Assim, mesmo que muitos de seus componentes ou até algumas inteiras, tenham migrado no período de seca, possivelmente, muitos dos que foram conseguiram retornar ao sertão após os três anos de múltiplas misérias, de modo que se juntando à população que permaneceu e sobreviveu deram continuidade à formação sócio-familiar de Limoeiro, permeando as atas de casamentos, batismos e óbitos e compondo as genealogias das famílias Oliveira, Costa, Baltazar, Cunha, Lima, Maia, Gonçalves, Martins, Régis, Guerreiro, Soares, Maciel, Mendes, Souza, Alves Rodrigues, Ribeiro, Freires, Nunes, Holanda, Chaves, Cavalcante, Girão, Bezerra, Silva, Bessa, Ferreira, Moreira, Estevão, Gadelha, Santos, Malveira, entre tantas outras.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. **Caminhos da cura: a experiência de moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)**. São Paulo: Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica PUC, 2002.

LEBRUN, François. As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. In: ÁRIES, Philippe e DUBY, Georges (Orrs.) **História da vida Privada**. Vol. III. SÃO Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Demografia Histórica**. São Paulo: Novos Ubrais, 1977.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

----- O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: **História da vida privada no Brasil**. Vol. 2. Org. Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1997.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. A formação das famílias livres em Campinas, 1774-1850. In: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de e AMARAL, Vera Lúcia. (organizadoras). **História Econômica: reflexões e construção do conhecimento**. São Paulo; Almeida, 2006, p. 468.

UJVARE, Stefan Cunha. **A História e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos.** Rio de Janeiro: Editora SENAC São Paulo, 2003.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.** Brasília: Edições do Senado Federal, 2007.